

JORGE LUÍS HUPPES



SÃO FRANCISCO CANTA
A DIGNIDADE DA CRIAÇÃO
NO CÂNTICO DAS CRIATURAS



ICSFA - ESTEF

Jorge Luís Huppés é natural de Três Passos, RS. Tem licenciatura plena em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do RS (PUCRS), Bacharelado em Teologia pela Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana – ESTEF, Porto Alegre, RS, e pós-graduação em Espiritualidade Franciscana pela ESTEF.

Este artigo é uma releitura do Cântico das Criaturas, de São Francisco de Assis, um amante de toda criação e que continua a inspirar muitos que ainda hoje se doam pela causa da casa comum. O Cântico das Criaturas é um louvor que tem sua origem no Altíssimo e se estende à toda Criação. A natureza é a fonte de inspiração de Francisco, nela contemplou ação de Deus. Contemplando as digitais do Criador, nas criaturas, queremos com Francisco, fazer do Cântico o nosso projeto de vida e de missão.

JORGE LUIS HUPPES

**SÃO FRANCISCO CANTA
A DIGNIDADE DA CRIAÇÃO
NO CÂNTICO DAS CRIATURAS**

**ICSFA – ESTEF
2021**

PORTO ALEGRE – RS – ICSFA 2021
Província São Francisco de Assis no Brasil
Av. Juca Batista, 330 – B. Ipanema
91770-000 – Porto Alegre – RS

CNPJ: 35.332.968/0001-08

EQUIPE EDITORIAL

Coordenação: Frei João Carlos Karling, OFM e Frei Arno Frelich, OFM

Revisão, Ilustração e Editoração: Frei Arno Frelich, OFM

Fotos: acervo pessoal de Jorge Luís Hupples.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H958 Hupples, Jorge Luís

São Francisco canta a dignidade da criação no Cântico das criaturas
[recurso eletrônico] / Jorge Luís Hupples – Porto Alegre: ICSFA/ESTEF,
2021.

Dados eletrônicos.

773Kb

Modo de acesso:

<https://www.franciscanos-rs.org.br/ebook-dignidadecriacao.pdf>

ISBN 978-65-88060-12-4.

1. Cântico das Criaturas. 2. Casa comum. 3. Louvor - Deus. 4.
Natureza – Inspiração. 5. Contemplação- Deus. II. Título.

CDU 271(O.F.M)

Bibliotecária responsável: Andréa Fontoura da Silva – CRB10/1416

Aprovação
Porto Alegre, 13/04/2021
Frei Marino P. Rhoden, OFM
Ministro provincial – PSFAB

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
1 O CÂNTICO DAS CRIATURAS	5
1.1 O Cântico das Criaturas	5
1.2 Harmonia entre o Cântico, o cantor e o cantado	7
2 CADA PARTE REVELA O TODO	13
2.1 Altíssimo onipotente bom Senhor	13
2.2 O louvor integral	14
2.3 O astro é a imagem do Verdadeiro Sol	16
2.4 A irmã Lua e as Estrelas	17
2.5 Irmão Vento e irmã Água, elementos da vida	19
2.6 Energia nas trevas da noite, o Irmão Fogo	22
2.7 Irmã nossa e mãe Terra	24
2.8 Por aqueles que perdoam (...) em paz	25
2.9 Irmã nossa, a morte corporal	26
CONCLUSÃO	29
BIBLIOGRAFIA	32
Outras leituras	33

INTRODUÇÃO

Constantemente nos é apresentado São Francisco de Assis e a Ecologia. Inclusive, o Papa João Paulo II, com a Bula *Inter Sanctus*, em novembro 1979, proclamou o Santo Patrono celeste de todos os ecologistas e da ecologia. Porém, podemos questionar-nos, São Francisco viveu na Idade Média, num contexto onde não havia este termo nem os grandes problemas ecológicos atuais, no entanto manifesta-se nele uma grande proximidade com a ecologia. De que maneira podemos hoje encontrar sinais e motivações para cuidar da criação mediante a reflexão do Cântico das Criaturas?

O Cântico é um hino de louvor que pacificamente e harmoniosamente permite a vivência de todas as criaturas. O Cântico tem em si duas dimensões: a realidade que se apresenta com as digitais de Deus e convida ao louvor, mas também é um canto escatológico, a que já habita a alma de Francisco.

1 O CÂNTICO DAS CRIATURAS

Para contemplar e analisar o Cântico, partiremos de dois passos, que irão dar uma direção da nossa reflexão. A contemplação do Cântico em si e depois uma hermenêutica e reflexão, frutos de leituras e estudos.

1.1 O Cântico das Criaturas

Segue o texto do Cântico das Criaturas¹.

Altíssimo, onipotente, bom Senhor, teus são os louvores, a glória, a honra e todas as bênçãos.

Somente a Ti, ó Altíssimo, eles convêm, e homem algum é digno de mencionar-te.

Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas, especialmente o senhor irmão sol, o qual é dia e por ele nos

¹ O texto usado é das Fontes Franciscanas e Clarianas, da Família Franciscana do Brasil. O mesmo está disponível desde 1981, no Brasil. É fiel aos originais, tem cunho pastoral e é indicada por esta Escola de Teologia, no presente curso.

iluminas. E ele é belo e radiante com grande esplendor, de ti, Altíssimo, traz o significado.

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã lua e pelas estrelas, no céu formastes claras e preciosas e belas.

Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão vento e pelo ar e pelas nuvens e pelo sereno e por todo o tempo, pelo qual às tuas criaturas dás sustento.

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã água, que é muito útil e humilde e preciosa e casta.

Louvado sejas, ó meu Senhor, pelo irmão fogo, pelo qual iluminas a noite: e ele é belo e agradável e robusto e forte.

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã nossa, a mãe terra, que nos sustenta e governa e produz diversos frutos com coloridas flores e ervas.

Louvado sejas, meu Senhor, por aqueles que perdoam pelo teu amor e suportam enfermidade e tribulação.

Bem-aventurados os aqueles que as suportam em paz porque, por ti, Altíssimo, serão coroados.

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã nossa, a morte corporal, da qual nenhum homem vivente pode escapar. Ai daqueles que morrem em pecado mortal: bem-aventurados os ela encontrar na tua santíssima vontade, por que a morte segunda não lhes fará mal.

Louvai e bendizei ao meu Senhor, rendei-lhe graças e servi-o com grande humildade. (FONTES FRANCISCANAS, 2004, p. 104-105).

Podemos perceber, que Francisco construiu o Cântico, com uma ideologia triangular e neotestamentária, a saber: Deus, homem e criação. Relatando os quatro

elementos da física e os “arque” da filosofia, fogo, ar, terra e água. Composto por sete estrofes.

1.2 Harmonia entre o Cântico, o cantor e o cantado

O Cântico é um louvor dirigido a Deus mediante os diversos elementos da criação (água, sol, lua, terra...). Neste Cântico, o imaginário e maravilhoso, têm valor numa forma de protesto contra um mundo em ruínas. É como uma escalada para um mundo melhor, a nova criação. Francisco foi alguém que trabalhou, lutou e sofreu com a intuição de ter mais fraternidade. Este Cântico é um protesto ao mundo mercantil, onde reina o capital, que estava nascendo no seu tempo. Sua redação não se dá em formas automáticas de conhecimento, mas como um dom gratuito e pessoal de amor.

Desde o início a relação do humano com o mundo é uma relação de amor e não de desprezo. Ao contrário do que acontece com o maniqueísmo dualista. É inesgotável o conteúdo e de inigualável beleza, escrito em três momentos. A primeira parte, que vai do Sol até à Terra, foi escrita, no

mês de abril de 1225, na primavera. A segunda parte, que fala do perdão, foi escrita em maio ou junho de 1226. E por fim, em setembro de 1226, antes do Trânsito, Frei Francisco, compõe a estrofe da “irmã morte”.

O mais antigo manuscrito do Cântico é da segunda metade do século XII, encontra-se na biblioteca de Assis. Escrito em dialeto Úmbrio. É por isso que Francisco é considerado o primeiro poeta italiano. As realidades cósmicas são celebradas com uma riqueza afetiva e onírica, que inconscientemente estão tramadas. A obra é simples. Não tem nenhum conflito. É uma afirmação serena de fraternidade universal. Tudo é direto, claro e luminoso. Francisco acabara de receber em sua carne os estigmas que o assemelhavam ao Cristo crucificado. A vida de Francisco estava no seu crepúsculo. Mais de cinquenta dias sem suportar a luz do sol nem o fogo durante a noite. Para agradecer ao Criador, no dia seguinte, compôs o louvor pelas criaturas. Francisco há oito séculos já intuiu que o equilíbrio ecológico está no amor.

O Cântico das Criaturas testemunha vivência originária e original, que acontece na noite da alma, revelando a profunda união de São Francisco com todas as criaturas. O pobrezinho, na Canção de louvor, abraça interiormente a totalidade da

criação, inaugurando fraternal e originário acesso a Deus Pai, manifesto no rosto humanado de seu divino Filho, presente no Espírito Santo que nos anima (HEIRICHSEN, 2016, p. 91).

Em Francisco temos o simbolismo religioso, próprio do homem medieval. Chamou o cântico de “Cântico do Irmão Sol”, porque o sol é a mais bela de todas as criaturas e a melhor imagem de Deus. Ele é símbolo do Deus altíssimo. Os irmãos mencionados no Cântico das Criaturas têm fundamento arquétipo, radicado no inconsciente coletivo. São destacados quatro elementos (fogo, água, ar e terra), sem discriminação de sexo, que andam em pares. A cada ser, criatura cantada e admirada, ele lhes dá um adjetivo e significado. São carícias. Neste Cântico não tem a arrogância do ser humano, mas a grande fraternidade universal dos seres. O Santo vê o espetáculo do mundo como um belo jogo, onde participam e celebram todos os seres da natureza. Aquele que vê o sagrado no mundo, se assemelha um pouco aos pastores de Belém. “Perscrutam as alturas do céu em suas almas e suas almas mais além” (LECLERC, 1999, p. 45). É por este motivo, que aquele e aquela que ama, é incapaz de odiar ou destruir a natureza. Francisco, era amante e observador dos seres e do

ambiente. Ele se espelha nos elementos naturais (humildade da água), para elaborar a sua vida, ascendendo a Deus.

Francisco tinha uma sensibilidade poética e religiosa. Diferente do romântico. Ele vê, sente e interpreta a natureza como fonte criativa, imita-a e se converte em gênio criador. Foi entre os estigmas e a morte, que da alma de Francisco brotou o convite para todas as criaturas louvar e agradecer ao Senhor. A palavra “meu Senhor” se repete por nove vezes. O Cristo é o centro do Cântico. Uma originalidade é esta sua integridade com as criaturas, as chama por irmãs. Ele não observa as suas qualidades abstratas, mas descobre o que é específico em cada realidade natural. Por isso, ele não é panteísta.

É uma confraternização, não apenas com os elementos materiais, mas também com o que simbolizam estes elementos. A valorização delas é essencialmente religiosa. Pretendem apontar para além da própria matéria, uma realidade sagrada. Cada elemento é motivo para louvar o Criador. O senso de pertença de Francisco a cada uma das criaturas era tão singular, que podemos identificar o mundo

como uma grande catedral na qual somos convocados (as) ao louvor. Os qualificativos “irmão e irmã” em três pares nos introduzem numa cosmovisão diferente daquela que é marcada com a vontade de dominação e de posse. “Para Francisco, tudo é graça e dom de Deus, e tudo o que temos nos é dado como esmola, e o grande Esmoler dá com clemente piedade aos dignos e aos indignos” (GUITTON, 1996, p. 340). Segue um pequeno esquema:

Cósmico	Antropológico	Espiritual
Sol	Somos Luz aos outros	Cristo é a Luz
Lua	Efemeridade/Provísório	Maria
Vento	Criatividade	Espírito Santo
Água	Vida	Batismo
Fogo	Paixão/Energia/Vigor	Martírio
Terra	Acolhida/útero	Igreja

Além disso, a cosmologia da Idade Média prezava pelo geocentrismo e a teoria dos quatro elementos. O Cântico, diferentemente dos antigos físicos (onde a prioridade é a terra, água, ar e fogo), prioriza o vento e o ar. O sopro do Criador do Genesis, sobre as águas. A origem

da irmandade está na Paternidade universal de Deus. Em cada criatura, Francisco via o reflexo de Deus. Temos um jogo da imaginação: o “irmão fogo” é belo, e jucundo e forte. A “irmã água”, mui útil e humilde e preciosa e casta. O primeiro elemento se volta para a ação, no caso do fogo, arrojado e dinâmico. O segundo se volta pra o sentido da profundidade e da intimidade. São perceptíveis sete estrofes, que veremos a seguir.

2 CADA PARTE REVELA O TODO

Agora daremos destaque a cada uma das partes do Cântico. Veremos que a ordem e a identidade de cada um dos elementos cósmicos têm relação direta com toda a vida e missão de Francisco.

2.1 Altíssimo onipotente bom Senhor

A primeira frase, é uma dedicatória, mostra para quem o louvor se destina. “Altíssimo, onipotente, bom Senhor, teus são o louvor, a glória e a honra e todas as bênçãos”. Inspirado numa doxologia do Apocalipse de São João (Ap 4,11), hino a transcendência divina. O Altíssimo é quem dá as coordenadas e a energia do louvor. O Altíssimo é o seu único bem aspirado. Uma espiral ascendente a Deus. Mesmo que a alma o aspire, Ele é inacessível conforme a última estrofe. Quando jovem Francisco aspirava ser um príncipe. Ser ilustre por algum

fato feito. Este desejo continuou. Ele mira o alto, o mais elevado. Renuncia tudo neste mundo para estar inteiramente disponível ao Altíssimo. Mesmo assim, ele se reconhece indigno de pronunciar o seu nome. Coexiste o desejo da alma da alta aspiração e a consciência de sua pequenês. O louvor já era algo presente na vida de Francisco. É clara a sua admiração e o assombro. Recordando que ele estava num quarto escuro e doente. “Imenso e Onipotente”, o Deus de Francisco é um Deus leproso, crucificado e que vem ao nosso encontro. Ele se sente amado por Deus e percebe que o centro não é o seu eu. Ele se abandona por inteiro. Há a liberdade que permite dizer sim ou não. Mas como é belo o sim de Francisco.

2.2 O louvor integral

“Louvado sejas, meu Senhor com todas as tuas criaturas”. Com o medo de esquecer alguma criatura, canta com todas elas. Como não aparecem os animais neste Cântico, compreendemos ser aqui, que Francisco os tenha em mente. Quem chama atenção a isso, é o SUSIN e o

ZAMPIERI: “Reconhecido como o santo protetor dos animais e padroeiro da ecologia, Francisco não apresenta uma tese teológica ou filosófica na defesa dos animais” (2015, p. 91). Contudo, em outros textos da biografia, temos relatos do seu cuidado com os animais. Mas paira a questão que não encontramos resposta: Por que o Santo não cita os animais no Cântico? A ausência dos animais neste Cântico se deve, porque, os animais não eram criados e manipulados objetivamente pela indústria, eram silvestres. Além disso, não podemos exigir atitudes de Francisco, naquele contexto partindo da nossa cosmovisão. Porém, o Cântico, inicia dizendo: “Louvado sejas, meu Senhor com todas as tuas criaturas (...)”. Seu olhar se volta às criaturas e assim chegar a Deus. Francisco se faz criatura entre as demais. Contudo,

para Francisco os animais não são alegorias, metáforas, evocações, nem espécies, mas individualidades reais, de carne e osso, com capacidades de reciprocidade, que respondem ao seu modo e com sua linguagem às palavras e gestos que lhes dirigimos (SUSIN, ZAMPIERI, 2015, p. 284).

Enquanto os ascetas se distanciam do mundo para chegar a Deus, em Francisco temos a fraternização com

elas, e juntos louvam a Deus. Ele espera que as criaturas louvem o Altíssimo. Uma profunda comunhão.

2.3 O astro é a imagem do Verdadeiro Sol

O mais belo das Criaturas, o Sol. “... Senhor irmão Sol, o qual faz o dia e pelo qual tu nos alumias; ele é belo e radiante com grande esplendor; de ti, Altíssimo, ele é imagem”. Francisco louva de modo especial ao irmão Sol. Maior astro do sistema que com sua luz aquece e garante a vida de todas as criaturas. Para ele o Sol é a imagem de Deus Altíssimo, que clareia o dia e nos aquece. Poucos amaram a luz tanto quanto Francisco. “Quem celebra o sol como irmão e, ao mesmo tempo, como símbolo do Altíssimo, sonha secretamente com seu mais sublime destino” (LECLERC, 1999, p. 57). Todas as imagens de luz (Sol, lua, estrelas e fogo) são qualificadas como belas. A matéria bela é a matéria radiante. Em sua viagem ao Oriente, Francisco contrai uma doença da vista que o deixou cego. Mesmo assim conservou o seu entusiasmo pelo sol e a luz, que seus olhos não podiam mais

contemplar. O irmão Sol tem um gesto largo, não tem mesquinhez, seu dom é gratuito. O termo “*misignore*” poderia ser traduzido por “grande senhor”. O sol não é somente fonte de calor e luz. Ele é a imagem do Pai, do poder e da generosidade.

O Irmão Sol, é realmente o sinal do Altíssimo. Modelo para nós que fomos feitos a imagem e semelhança deste Altíssimo. No livro do Gênesis, a criação inicia com a Luz. A cidade de Assis é um vale verde no meio da escuridão cercada de neve. É neste lugar, na primavera de 1226, que Francisco se encanta com o Sol, que ilumina o dia. Cada manhã acontece o encanto e o canto de louvores do Senhor, pois o Sol nascente nos vem visitar. Várias são as religiões que têm uma ligação direta ou indireta com o sol. No cristianismo, o Cristo é frequentemente associado ao sol.

2.4 A irmã Lua e as Estrelas

“Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã Lua e pelas as estrelas; no céu formaste claras, preciosas e belas”. Não

são as trevas que Francisco contempla na noite, e sim os seus esplendores, luares e as maravilhas das estrelas. O adjetivo, “preciosas” revela uma valorização da matéria cósmica. A irmã Lua e as Estrelas pertencem à esfera celeste, convidam-nos a olhar para além deste mundo.

O que encanta Francisco é o seu brilho. Preciosas, sinônimo de tesouro, usado também por Francisco quando se refere aos lugares onde se conserva o Corpo do Senhor. Logo, aplicando o termo às Estrelas e a Lua, significa que ambas estão revestidas de expressão sagrada.

Poder-se-ia dizer que a lua revela ao homem a sua condição humana; que em certo sentido, o homem se “vê” e se encontra na vida da lua. Foi devido às fases da lua, isto é, ao seu nascimento, à sua morte e à sua ressurreição que os homens tomaram consciência do seu próprio modo de ser no cosmos e, ao mesmo tempo, de suas chances de sobreviver e renascer (LECLERC, 1977, p. 67).

“Claras preciosas e belas”. Primeiro qualitativo feminino de todo o Cântico. Ele tem uma ligação com a “Clara”, a jovem nobre, que igualmente foi atraída pelo ideal do Evangelho. A chegada de Clara à Ordem foi um momento importante a Francisco. Foi junto à irmã Clara em São Damião, que foi revelado a Francisco o Cântico do Irmão Sol, conforme alguns autores. Pois temos aqueles,

que afirmam que foi no Eremitério de Lá Floresta, ao lado da casa paroquial, onde havia um celeiro construído sobre a rocha. Esta é a causa e a origem da quantidade de ratos. Além disso, o médico residia em Rieti, apenas 15 km de Lá Floresta.

O rosto da mulher remete o ser humano para a sua origem, o seio materno, a mãe terra e a noite cósmica. Lua cheia é Maria grávida, “cheia de graça”. Plenitude que se dá na transitoriedade, assim como a santidade que se dá no cotidiano. Francisco ao contemplar a criação e a mulher no Cântico, esquecidas na sua época, indiretamente é um ecofeminista. Estes astros dependem do Sol (Deus), não tem energia própria. Nós humanos, dependemos diretamente da luz do Sol verdadeiro, que nos concede a liberdade de aceita-Lo ou não.

2.5 Irmão Vento e irmã Água, elementos da vida

“Louvado sejas, ó meu Senhor, pelo irmão Vento pelo Ar, e Nuvens, e Sereno, e todo o tempo pelo qual às tuas criaturas dás sustento. Louvado sejas, meu Senhor,

pela irmã Água, que é muito útil e humilde, e preciosa e casta”. Elementos que revelam os seus valores por si mesmos. O vento é dinâmico, tem vida. É ele quem impulsiona e dá liberdade. O vento tem sempre uma relação próxima, na Escritura, com o Espírito. Ele que renova por dentro e nos coloca em sintonia com a origem. O vento e a água encontram-se unidos na natureza. As ondas do mar são acompanhadas pelo vento. Formam literalmente um casal cósmico, na criação e no Cântico.

Mas poderemos separar o irmão Vento da irmã Água? Os dois formam um par fraterno. É assim, pelo menos, que os poetas os veem. Não é por acaso que o irmão Vento e a irmã Água seguem um ao outro e se dão as mãos no louvor de Francisco (...). Teremos o cuidado de não separá-los em nossa leitura do Cântico das Criaturas. (LECLERC, 1977, p. 77).

Independente, da associação dos autores ambos querem deixar claro, que os elementos não podem ser compreendidos, no Cântico, de forma separada. O vento, não é apenas um fenômeno meteorológico e físico, ele tem um rosto, um semblante e uma alma. Quem diz “Irmão Vento”, reconhece que está unido por íntimos laços fraternos. O vento sopra onde quer. É imprevisível e ambivalente. Não tem origem nem destino. Para amar o Vento é necessário o desapego. Francisco disponibiliza a

sua vida ao sopro fraterno do Vento. O Vento não tem qualificativos como nos demais elementos. Francisco louva o vento da vida, benéfico e positivo. A valorização do vento é novamente essencialmente religiosa. O Vento é a presença atenta e ativa de Deus.

Quanto à irmã água, os valores se referem à própria substância, com qualidades: ser útil, humilde, preciosa e casta. O seu valor é íntimo com o seu próprio ser. Isso deixa transparecer a interpretação de Francisco sobre a castidade. Sobre a utilidade, é perceptível a sua presença em todos os seres. As águas de um rio sempre caminham para os lugares mais profundos, é humilde. É nas profundezas que guardamos sujeiras que esta água pura, humilde e casta poderá lavar. Pela segunda vez aparece o qualificativo “preciosa”. Ligado diretamente com a vida. É verdade também que esta água, remete à água sacramental, referência ao batismo. Na irmã água tudo é simples e transparente. A castidade, é a manutenção da sua identidade, independente das circunstâncias ou impurezas. Recorda o seio materno, sendo de sensação agradável. O

tempo é aquele que nos governa, ele quem nos faz fortes ou fracos. Marca o ritmo de nossa vida.

2.6 Energia nas trevas da noite, o Irmão Fogo

“Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão Fogo, pelo qual iluminas a noite: ele é belo e jucundo, e robusto e forte”. As imagens de luz, sempre são as mais usadas neste Cântico. O qualificativo “belo” aparece três vezes. Sempre se referindo a um elemento luminoso. O radiante para Francisco é belo. Ele amava o fogo, pela sua utilidade e beleza. Junto do fogo, Francisco medita. Como podemos explicar e entender tanto amor de Francisco pelo fogo? “Ele é belo”. Não é anônimo, e sim presença viva, que irradia alegria, transborda vida e dinamismo. “Robusto e forte”. Força invencível. Francisco vê em qualquer chama um símbolo da Luz eterna. Logo, este irmão tem mais do que uma dimensão onírica e poética, mas sim a dimensão sacral, hierofânica.

O fogo é também uma realidade interior. Ele é um dos grandes símbolos da libido. É a integração da vida. O

fogo cantado por Francisco não é mais o fogo que queima e destrói, e sim, um fogo que se transformou numa força de luz e de alegria. Fogo fraterno que reconcilia e permite o encontro do *eros* e do *ágape*. Em tese a vida de Francisco é uma vida de amor, composta pela capacidade e o desejo de amar com o Criador todas as criaturas. Sua ausência, é a apatia e frieza. “É que o fogo nunca foi para o homem uma realidade simplesmente exterior, é uma realidade que atinge também interiormente” (LECLERC, 1977, p. 94).

O Irmão fogo é análogo ao Irmão Sol. São as mesmas energias que temos no Sol e no Fogo. Eis o motivo de cantar o fogo. A virtude é uma força. Existência vivida com a responsabilidade e a força do Espírito. Contudo, maior é a força de “dar a própria vida”, seguindo aquele que é a fonte do fogo (Sol), o Cristo. Francisco que passou grande parte de sua vida dentro das cavernas escuras e úmidas, irradiava e ardia por dentro pelo Criador.

2.7 Irmã nossa e mãe Terra

“Louvado sejas, meu Senhor por nossa irmã, a mãe Terra, a qual nos sustenta e governa, e produz diversos frutos com coloridas flores e ervas”. Das alturas o louvor de Francisco chega à terra. “Nossa mãe a Terra”. Uma expressão antiga. A Terra nos carrega e nos nutre. Como a mãe que amamenta o filho. Ela a semelhança de Maria é “irmã e mãe”. Junto aos frutos aparecem flores e ervas. Além de nutrir ela cerca de beleza os seres que com ela e nela convivem. Temos a associação de nomes: irmã e mãe. A mãe tem para Francisco semblante de irmã. Irmã porque ela também é criatura, como as demais realidades. É a sustentabilidade da vida. Ele era íntimo com a terra. Três etapas são significativas, e merecem destaque: As cavernas, as fendas das rochas eram os ninhos preferidos de Francisco. Ela é símbolo do materno.

A caverna é um símbolo materno. Penetrar na sua profundidade a fim de demorar-se aí é voltar à mãe. Aqui, porém, não seria possível à mãe limitar-se à sua dimensão humana. Habitar na gruta é participar da vida da terra, no seio da Mãe Terra. Sob o teto da gruta ou da caverna, encontramos a Terra, nossa mãe (LECLERC, 1977, p. 112).

A caverna está sempre à espera do Irmão Sol. Ela gera uma vida completamente nova. Ela é também sinal da eclesialidade, da Igreja que está neste mundo, na terra. Ação de Deus no mundo. Francisco pede a confirmação da Igreja para viver esta vida. Produz coloridos frutos, flores e ervas. São as novas formas de vida que surgem neste tempo. A variedade de seres que a terra sustenta, é o espaço que há para todos, especialmente o diferente. Defender e trabalhar pela causa ecológica de maneira franciscana hoje é correr o risco de sofrer repressões. Significa respeitar a irmã e mãe terra, mas é também, zelar pela vida que se encontra na mesma.

2.8 Por aqueles que perdoam (...) em paz

Chamou frei Ângelo e Leão, pediu que lhe cantassem o Cântico, e acrescentou a última estrofe. Francisco caminha para a morte com o coração cheio de claridade solar. Ouvir e recitar este Cântico, era o modo pelo qual os frades se reencontravam com Francisco. Ele queria ser o “trovador de Deus”, apóstolo da alegria.

“Sustenta a paz nas tribulações”, são os litígios civis. “Enfermidade” é a dor e a fraqueza em que Francisco se encontrava nesta etapa da vida. Estava no limite. Hoje as limitações não são bem-vindas. Somos educados para ser “super pessoas”. Enquanto sabemos que aquele que não se confronta com o limite não cresce. “Perdoar” por amor e não por interesses. Este perdão tem uma força transformadora. É aquele que leva à fraternidade. É o amor ágape, que continua amando apesar dos erros cometidos, pois quem ama perdoa. Ele impede que eu adestre o outro conforme os meus interesses. Pois não existe dominação justa. Ela sempre é consequência de falta de amor próprio.

2.9 Irmã nossa, a morte corporal

É a irmã da qual ninguém consegue escapar. Fala em duas mortes. A primeira refere-se à morte do corpo, e a segunda, à condenação definitiva.

Se vivemos o amor já estamos na vida eterna. O amor é o amor de Deus em nós. Se sairmos do amor, passamos para uma segunda morte, a morte segunda: o inferno. A morte primeira é morte biológica. A morte segunda seria ser confirmado na falta do amor. Por isso, Francisco aceita a morte como irmã. (ROTTZETTER, 1999, p. 51).

Essa estrofe é escrita por Francisco em 1225, já sabendo que iria morrer. É a possibilidade da vida com Deus. Cantar a morte nessa hora, significa que o trajeto da sua vida foi percorrido com maturidade. Francisco percorre os passos de Nosso Senhor Jesus Cristo, do Natal até a Páscoa. Unindo na sua oração os mistérios da encarnação. Todas as estrofes unem-se nesta última. É realmente uma síntese da existência cantada desde o princípio.

Já vimos que as duas últimas estrofes parecem estar deslocadas frente ao todo do Cântico. Mas quando nos debruçamos com mais delicadeza, percebemos a celebração da reconciliação e da aceitação da nossa finitude. Apenas o perdão verdadeiro é capaz de conduzir a paz. E a aceitação da finitude, permite a harmonia entre morte e vida. Partindo do geral (Sol), chegamos ao particular (o ser humano). Que perdoa o outro (a) e a si mesmo consegue ver a presença real de Deus. Quem aceita a finitude como um novo recomeço é irradiador da paz e do bem. É o já e o ainda não que é o motivador da caminhada e da necessidade de recomeçar constantemente.

Aqui se trata justamente de uma nova criação ou, mais precisamente ainda, de um novo nascimento. Com efeito, o

mundo criado aguarda ansiosamente a manifestação dos filhos de Deus na esperança de serem também elas libertadas do cativeiro da corrupção para participarem da liberdade gloriosa dos filhos de Deus. Pois sabemos que toda criação até agora ‘geme e sente dores de parto’ (Rm 8,19-22). (GUITTON, 1992, pp. 349-350).

Em tese, não apenas a criação é sagrada, mas igualmente a reconciliação. Somos integrantes desta grande teia da vida. Não estamos a frente nem atrás do cosmos, mas sim interligados com a vida planetária.

CONCLUSÃO

Quase todas as biografias que falam sobre São Francisco de Assis, são unânimes na tese de que havia nele uma união visceral e afetuosa com todas as criaturas. Francisco é otimista nessa relação com os elementos da natureza. Porém, sabe que o fogo destrói, a água que é humilde traz inundações, o vento suave, produz tempestades. Por isso, Francisco pode ser considerado um divisor de águas, que abandona a dualidade da Idade Média e inaugura o pensamento unitário e dialético.

No Cântico das Criaturas, como acompanhamos, Francisco dá a cada ser e criatura cantada e admirada um adjetivo. Estas são formas de caricias e manifestações de seu amor pelas criaturas. Ele era muito sensível e observador dos detalhes. Se espelha em elementos naturais, para aplicá-los em sua vida, o caso da água humilde. O seu cavalheirismo, é uma dinâmica que move as relações entre ele e o cosmos. Em Francisco se encontram duas dimensões

inseparáveis: a sua união com Deus pelos humildes caminhos da encarnação de seu Filho e a experiência da mística cósmica entusiasmada. Relação que na origem tem a iniciativa do próprio Deus, mas que no percurso torna-se um itinerário de Francisco. Mediante a contemplação da Criação ele chega ao seu Criador.

Perpassa a história de Francisco, a sua profunda experiência de Deus, foi ela que o tornou sensível com cada criatura. Encontrou nas criaturas, as digitais do Criador. É por isso, que canta, pula, dança e se alegra com a criação. É o mesmo motivo que o impulsiona a cuidar dos seres criados. Da formiga até o ser humano. É a identificação de Francisco ao Criador. O todo não é apenas fruto das somas de suas partes. Todos os fenômenos estão interligados, é um grande sistema. No louvar há um convite sutil e fino ao cuidado responsável da criação. Promovendo a vida, zelando pela casa comum, pela incansável defesa da criação de Deus. Por vezes se viu no Cântico apenas uma noção estética das coisas, sem perceber que era uma linguagem da alma, uma poesia da interioridade e que carecia de interpretações. Fruto de um itinerário interior que Francisco

percorreu durante toda a sua existência. Onde se fundem afetivamente as coisas mais humildes com a ascensão espiritual mais elevada.

Somos chamados a cuidar da criação. Chamado a reconhecer-nos outros seres vivos, o seu valor próprio diante do seu Criador. Perceber este valor próprio nos animais é uma afronta e um questionamento ao antropocentrismo que a modernidade tanto defende. O louvor a Deus no Cântico do Irmão Sol, é um convite para o cuidado responsável e consciente de cada uma das criaturas deste cosmos. No caminho espiritual de Francisco, louvar é reconhecer e dar-se conta da presença do Deus Trindade em cada ser criado. Logo, glorificar a Deus, louvando a criação é um compromisso e uma responsabilidade de cada ser humano, é defender a vida em todas as suas formas. Vemos aqui, que a relação de Francisco com a criação se dá na “não apropriação”, fator que lhe permitiu uma fraternidade com as criaturas. Francisco viveu como criaturas, entre as criaturas numa fraternidade criatural.

BIBLIOGRAFIA

FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS. Tradução: Celso Márcio Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2004.

FRANCISCO. **Carta Encíclica Laudato Si'.** Sobre o cuidado da casa comum. Brasília: CNBB, 2015.

GUITTON, Gérard. São Francisco de Assis e a Criação. **Revista de Espiritualidade Franciscana.** Rio de Janeiro, v.46, n.3, pp. 336-350, 1992.

HINRICHSEN, Luís Evandro. **O cuidado segundo a vocação evangélica de São Francisco de Assis.** Contribuições dos Estudos Franciscanos à reflexão sobre o Cuidado e suas implicações éticas. Porto Alegre: PUCRS, 2016.

LECLERC, Eloi. **O Cântico das Criaturas Ou os Símbolos da União.** Petrópolis: Vozes, 1977.

LECLERC, Eloi. **O Cântico das Criaturas ou Símbolos da união.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

ROTZETTER, Anton. O Cântico do Irmão Sol. **Cadernos da Estef,** Porto Alegre. n. 7, pp. 44-52, 1991.

SUSIN, Luiz Carlos; ZAMPIERI, Gilmar. **A vida dos outros.** São Paulo: Paulinas, 2015.

Outras leituras

ALENCAR, Chico. **Cântico das Criaturas: ecologia e juventude do mundo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BERNARDI, Manueto. **São Francisco de Assis e a Natureza**. v.8. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindises, 1982.

BOFF, Leonardo. CAYOTA, Marcio. CROCOLI, Aldir. **Francisco, na ótica Latino Americana. Fundamentação Franciscana de Justiça, paz e Ecologia**. Rio de Janeiro: Sinfrajupe, 1991.

CROCOLI, Aldir (org.). **Francisco de Assis: Revisitando a sua história**. Porto Alegre: ESTEF, 2011.

LEERS, Bernardino. **Francisco de Assis e a moral cristã**. Petrópolis: Vozes, 1995.

SCHWERTZ, Nestor Inácio. Traços da identidade Franciscana e suas expressões ontem e hoje. **Cadernos da Estef**, Porto Alegre. n. 58/01, pp. 05-28, 2017.

MERINO, José Antônio. FRENEDA, Francisco Martínez (Coordenadores). **Manual de Filosofia Franciscana**. Petrópolis: FFB; Vozes, 2006.

MERINO, José Antônio. **Francisco e a ecologia**. Braga: Ed. Franciscana, 2007.

SILVEIRA, Ildelfonso. **São Francisco de Assis e nossa “Irmã e Mãe Terra”**. Petrópolis: Vozes, 1994.

SUSIN, Luiz Carlos. **Assim na terra como no céu: Brevilóquio sobre escatologia e criação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

ZAMPIERI, Gilmar. Laudato Si': Sobre o cuidado da casa comum. Um guia de leitura. **Cadernos da Estef**, Porto Alegre, n. 55/2, 2015.

ISBN: 978-65-88060-12-4

CL



9 786588 060124